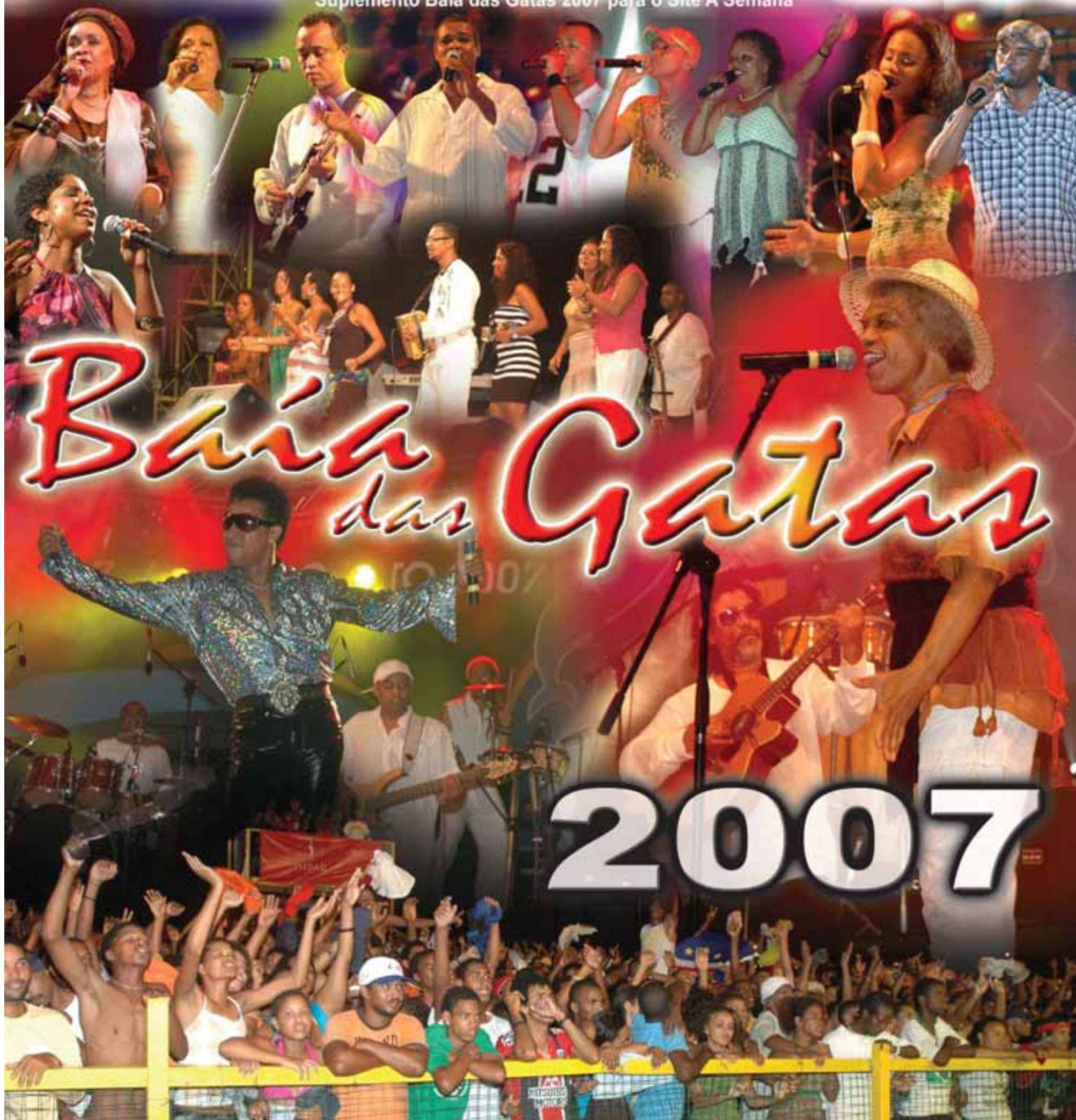


Especial

SUPLEMENTO

Suplemento Baía das Gatas 2007 para o Site A Semana



Baía das Gatas

2007

A Baía dos regressos

Por: Catarina Abreu

Regresso do mestre e regresso dos Livity. Deram à costa mindelense dois símbolos da música crioula para fazer história nesta Baía 2007 – a Baía dos regressos. Paulino Vieira já não cantava para os seus há 11 anos e os Livity andavam há décadas dispersos lá pelas Europas, mas Jorge Neto, Kino Cabral e Grace Évora voltaram a juntar. O festival foi, por isso, um reencontro para matar saudades, em que o público e ídolos se abraçaram em concertos memoráveis e extasiantes por serem únicos.





E eu estava ansiosa. Sentia-me um peixe fora de água dentro daquela baía: é que para mim não eram regressos mas estreias. Nunca tinha visto Paulino Vieira e muito menos os Livity. A curiosidade foi-me aguçada pelos meus amigos e colegas, dias antes de partir para o festival. Todos me avisavam que, muito provavelmente, eu ia assistir a um dos marcos da história da música de Cabo Verde.

Durante as 16 horas de viagem de barco que antecederam a minha chegada a São Vicente, aqui e ali ouvia: “O show dos Livity vai ser espectacular, mas achas que o Jorge Neto vem?”, “Claro que sim!”. De um lado, contavam-me, divertidos, os rocambolescos concertos que já assistiram do JN, do seu sonoro “wow!”, da sua presença em palco, da dança à Michael Jackson, do seu trocar de mãos com o microfone. Outros trauteavam as músicas. Mas quando ouvia falar de Paulino Vieira, o tom de voz mudava e o rosto tornava-se mais sério. Respeitosamente, diziam-me ao ouvido, em jeito de segredo: “Vais ver o maior músico de Cabo Verde a tocar”. E assim fui de coração aberto, pronta e atenta para absorver mais deste país, que actualmente é o meu chão, o meu céu e, enfim, a minha casa.

Espantei-me quando cheguei ao festival. O espaço era enorme e, surpresa, um amontoado de tendas a perder de vista. Naquele momento, soube que o Mindelo muda-se, de ponches e bagagens, para a Baía durante uma semana. Depois era ver um ajuntamento de gentes por todo o lado: em frente ao palco e nas barraquinhas, entre uma trinca num pincho e um gole de cerveja. De reencontros de amigos que não se vêm há anos, de abraços emocionados, de lágrimas sentidas de regresso, do convívio há muito adiado entre pessoas que nas outras ilhas e na diáspora também regressam para estabelecer a ponte da cabo-verdianidade... Com a música, claro, não fosse ela a seiva que todo o crioulo precisa para viver, crescer. E faz-se música!

No palco, um desfile de vozes numa passerelle encantada pela música de Kim Alves. O talento abundava por ali: Nancy Vieira, Betina Lopes, Arlinda Santos, Paulinha, Denis e Ceuzany. Mais tarde, Bau e Voginha a abrilhantarem tanto canto, com Titina Rodrigues, Celina Pereira, Bius, Mindau, Constantino, Janise, Edson, Dudu Araújo, Fantcha e Mariana Ramos. Sentia uma injeção de informação a entrar-me na cabeça porque queria absorver tudo, cada som, cada nome, cada palavra.

Bau e Voginha mantiveram-se a postos para a entrada tão aguardada de Paulino Vieira. Soaram os primeiros acordes da única música que conhecia do mestre, ouvi-a uma ou duas vezes por acaso e muitas vezes escuto-a pela redacção, cantarolada pela minha chefe.

Paulino entra, cumprimenta os músicos, saúda o público e canta “M’gria ser poeta”. Nesse momento o meu coração gela. Foi o reencontro de duas pessoas que se amam depois de viverem anos longe uma da outra. Então, um público, sedento de Paulino, saudoso de Paulino e nostálgico de Paulino gozou aquelas horas de concerto, feliz, mas num jeito sófrego, a querer sugar todos os momentos, cada nota e cada verso, porque não sabe quando se poderão voltar a encontrar. E vi lágrimas nos olhos de muita gente. Senti que o céu da minha terra se abria para recerber o mestre e a lua cheia brilhava mais cheia, para iluminar melhor a emoção que varria a Baía.

Amesma atmosfera havia de marcar presença na noite seguinte. Depois de concertos extenuantes entre o hip hop de Boss AC, Zouk Machine, e o show abençoado pela chuva de Netinho, esperava-se pelos Livity. Entra na aurora do dia para culminar a loucura da noite. Os Livity regressam liderados

pelo seu animal de palco, Jorge Neto. E gritos sui generis, palavras de ordem eternas tomam conta de Baía: o público vibra, enlouquece e chora. Milhares de pessoas em estado de insanidade momentânea deixam o corpo ir, dançar, mover-se ao ritmo das saudades e ao som das memórias.

Há grupos assim na história de cada povo. Uma banda que pelo seu carisma seduz o público para toda a vida. Pessoas que, se calhar, nunca tiveram um disco dos Livity em casa, mas todos sabem de cor as canções. As suas músicas marcaram momentos de muita gente: a infância dos jovens, a adolescência dos mais velhos, a ida à discoteca à escondida dos pais, o primeiro beijo, os amores de uma noite.

O concerto acabou já o sol ia alto. A noite seguinte foi de sabura suave para sossegar corações, com relíquias do reggae e o magnífico concerto de Mayra Andrade. Ferro Gaita fechou o Baía, altura do adeus, até para o ano.

Na memória ficou-me o “nu bem pa fitcha kusa” de Jorge Neto e a harmónica de Paulino Vieira, o mestre com quem falei dias mais tarde e que me impressionou com tamanha sabedoria e leveza de espírito. Foi um festival com o brilho dos regressos e com a emoção dos reencontros. E eu só sei que um dia, também eu gostava de regressar àquela baía.



Paulino Vieira orquestrou a noite de **Sonho**



Paulino Vieira foi o grande senhor da primeira noite do Festival Baía das Gatas 2007. A praia sãovicentina vibrou com os primeiros acordes de “M’ gria ser poeta” e todos em unísono cantaram esta eterna canção crioula. De enaltecer também as actuações de Voginha e Báú, que brilharam durante várias horas em palco – sem nunca se deixarem tomar pelo cansaço – com o desfile de vozes cabo-verdianas e acompanhando Vieira.

Depois da actuação do Grupo de Dança Tó Tavares, subiu ao palco o virtuoso da música cabo-verdiana, Kim Alves, que, juntamente com os seus “pupilos” (como ternamente lhes gosta de chamar) enalteceu vozes como Ceuzany, Denis, Paula Teixeira (que se apresentou em palco em estado de graça, com uma barriguinha de meses avançados de gravidez) e Elisangela. Actuaram ainda Betina Lopes, Arlindo Santos e Nancy Vieira. Esta última falou ao semanaonline no final do espectáculo, e mostrou-se bastante feliz com a recepção do público ao seu novo álbum – Luz, que foi apresentado pela primeira vez aos cabo-verdianos nesta ocasião. “A ideia era homenagear os poetas claridosos, e fi-lo ao cantar Sérgio Frusoni com uma morna mas não resisti, e os músicos mostraram-se super disponíveis, para deixar um cheirinho do meu mais recente trabalho”.

Kim Alves não deixou o palco sem antes tocar algumas das faixas do “Dança das Ilhas” e canções tradicionais como “Fome 47” de Codé di Dona. O espectáculo de Alves fechou com um funaná à maneira “badia”,

em que até Isaura Gomes participou com o seu “rabidar sampajudo”.

Seguiram-se Baú e Voginha, que deram bastante “expediente” nesta noite ao actuarem no desfile de vozes. Para acompanharem a exuberante Fantcha, Edson e a veterana diva, Celina Pereira, que homenageou Eugénio Tavares com “Cretcheu más sabi é kel ki é di meu”. Depois foi a vez de Constantino Cardoso, Dudu Araújo, Mindau, Janice, Mariana Ramos e a eterna Titina Rodrigues.

Biús foi o senhor que se seguiu, numa noite que “exagerou” nas mornas e coladeiras, estilo que se ouviu durante quase toda noite, dedicada aos apaixonados e aos mais românticos. Enfim, tudo fazia lembrar uma mega serenata. E Bius conclui numa canção que descrevia os sentimentos: “Oh sabura na Soncente, oh sabura na Baía!”.

Depois de muito suspense, à maneira das grandes estrelas há muito aguardadas, eis que surgiu em palco Paulino Vieira, ao som dos acordes de “M’ gria ser poeta”. Entrou com o seu chapéu di padja, cordialmente cumprimentou todos os músicos e, todos juntos, ninguém falhou na letra: “Ami djam cria ser poeta, pam fazê um mar di poesia, pam compará ess bó beleza di natureza, pam sendê um mar de luar cheio ness sol brilhante e noite serena, pam compará ess formosura di bós otch”.

A partir daí foi um desabrochar de êxitos em que público e ídolo – não é exagero afirmá-lo – voltaram-se a encontrar sob os auspícios do histórico Festival de música de Cabo Verde.

Livity

“fitcha kusa”



O regresso dos Livity marcou a segunda noite do festival Baía das Gatas, que vai ficar na memória de quem por lá passou. A famosa banda dos anos 80 “ben pa fitcha kusa!”. Boss AC e Netinho foram outros dos artistas que “levantaram poeira” na Baía.

A noite abriu com os ritmos de Santo Antão ao som dos Mix Cultura, que aproveitaram a ocasião para mostrar o seu primeiro álbum. Mas a loucura do segundo dia começou com Boss AC. O rapper luso-cabo-verdiano pôs o público, principalmente o mais jovem, a vibrar com êxitos “Hip, Hop, don’t stop” e “Princesa”. Só que a verdadeira empatia com os jovens aconteceu com um reggae em crioulo.

Boss AC contou com a colaboração de Gutto, mas foi o dueto que fez com Ana Firmino, sua mãe, que tocou o coração dos presentes. A cantora crioula radicada em Portugal disse “alô, alô, Cabo Verde” numa coladeira, que interpretou com Boss AC, num abraço de gerações.

Os Zouk Machine, constituídos por um trio de raparigas das Antilhas, deram

um concerto animado, mas que serviu para descansar os ossos para a maratona que se seguia. Netinho da Baía chegou para rebotar com o corpo dos milhares de pessoas que assistiram ao espectáculo com muito axé, samba e reggae. “Mila”, o maior sucesso do cantor baiano fez toda a gente saltar de alegria. Nem a chuva que, entretanto, caiu pesada (por poucos minutos mas serviu para refrescar os ânimos) demoveu os festivaleiros.

O concerto mais aguardado da noite foi dos Livity, que entraram em palco já quase raiava o dia. A expectativa era elevada e Jorge Neto e seus colegas – Grace Évora, Kino Cabral, Kalu Monteiro – não desiludiram. Foi difícil saírem de palco porque a sintonia entre público e banda era tanta, que podiam bem ficar ali o dia todo.

Jorge Neto, um verdadeiro animal de palco, com a sua vestimenta cool dos anos 80 – com calça de couro brilhante e camisa dourada e preta de lantejoulas – veio “pa fitcha kusa!”, como gosta de apregoar.

Não foram só os êxitos eternos como “Harmonia”, “Rosinha”, “Felicidade” e “Livity” que fizeram os mais saudosos vibrarem de tanta alegria. Jorge Neto, com os seus gritos inconfundíveis, fez com que este concerto (os Livity já não se juntavam há 13 anos) parecesse um encontro entre dois velhos amigos que não se viam há anos e que tinham que matar saudades. No público estava toda a ânsia de aproveitar esse encontro e sugaram cada momento, até ao êxtase. Foi “paródia bedju” na Baía até o Sol estar bem alto.



REGGAE

para descontrair



O género rei da terceira e última noite do Festival Baía das Gatas foi o reggae, com a actuação de Júnior Marvin e a banda que o acompanha, Marley Meets Tosh Tour. Numa noite mais descontraída subiram também ao palco Mayra Andrade e Ferro Gaita.

Último dia de Baía das Gatas é tempo de ressaca, em que o corpo pede mais descanso do que paródia. Por isso, foi uma noite num ritmo mais calmo, que começou com os African Roots. A banda reggae foi buscar aos êxitos de Bob Marley a receita para animar os festivaleiros.

Seguiu-se Foncho, que como o seu reggaeton conseguiu animar os mais resistentes. Temas com títulos tão apetecíveis como “Gulosa” fizeram as delícias do público mais jovem que vibrou também devido ao grupo de dança com o qual Foncho se fazia acompanhar. Os jovens são-vicentinos “Gangster” deram mais cor à festa, gingando ao ritmo do hip hop e do reggaeton.

Depois, a banda mudou de tom: Mayra Andrade cantou o seu “Navega” e conquistou o público com o seu sorriso simpático. Apesar da voz evidentemente cansada por uma digressão que já vai longa, Mayra não decepcionou no seu regresso ao Baía (a última vez que pisou o palco mindelense foi em 2001). Acompanhada de excelentes músicos

(todos brasileiros), “Dispidida”, “Mana” e finalizando com “Lua”, foram os temas mais aplaudidos.

E de volta ao reggae, a Baía pintou-se de verde, amarelo, vermelho e preto e trançou os cabelos ao estilo rasta para receber um grupo veterano no género. A banda que acompanha Júnior Marvin, Marley Meets Tosh Tour, fez agitar suavemente as bandeiras com as imagens de Bob Marley e Amílcar Cabral. Depois, Júnior Marvin também foi ao baú deixado por Marley para agradar os amantes do estilo. Passou também por alguns êxitos da sua carreira, num concerto em que, olhando para o palco, tinha-se a sensação de estar perante verdadeiras relíquias do reggae.

A fechar a noite, o incansável funaná dos Ferro Gaita ainda conseguiu agitar alguns espíritos mindelenses (não muitos, diga-se) apesar da ressaca que era demais e a energia a menos. Mas mesmo assim, o grupo conseguiu concluir de uma forma brilhante e fechar com chave de ouro a 23ª edição do Festival Baía das Gatas.



Álbum do Baía



Jovens preparam abrigo porque a noite é longa



A festa da família



Baía também é palco de negócios



O Baía não é exclusivo da juventude



Os "pikinotis" chapinhavam longe de tentações e convívios impróprios para menores



Todos os caminhos iam dar ao Baía



Palcos é o que não faltou na Baía, houv para todos os gostos. Dizem que os de "moré pex" então, estiveram a barrotar.



Crioulo é "safado" mas com protecção

Álbum do Baía



Fantcha, Gugas e Paulino



A banana da Zau deixou todas as mulheres de boca aberta



Zé Rui, Xico Serra e Dudu Araujo no backstage



Ro e Ana Firmino



Nem nos bastidores os instrumentos têm descanso



Paulino Vieira orchestra algum plano ao lado de Celina Pereira



Voginha e Maria José, uma das grandes responsáveis pelo evento



Como a Zau disse "mas sab ki Livity so kelot kosa"